



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14355 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT16 - Educação e Comunicação

TECNOLOGIAS DIGITAIS E O PENSAMENTO DECOLONIAL NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: UMA TESSITURA (IM)POSSÍVEL DE “PRATICAR PENSAR”?

Cristiane Ribeiro Barbosa da Silva - UFPA - Universidade Federal do Pará

Leonardo Zenha Cordeiro - UFPA - Universidade Federal do Pará

TECNOLOGIAS DIGITAIS E O PENSAMENTO DECOLONIAL NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: UMA TESSITURA (IM)POSSÍVEL DE “PRATICAR PENSAR”?

Resumo: Este registro de pesquisa traz um recorte da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação Educação e Cultura, na linha de pesquisa Culturas e Linguagens. Neste artigo, buscamos problematizar e delinear práticas pedagógicas decoloniais quanto ao ‘*ensinoprendizagem*’ da língua inglesa permeado pelo uso intensivo das tecnologias digitais nos espaços/tempos ciberculturais. Para tanto, adotamos o método ciberpesquisa-formação com os cotidianos, acionamos os seguintes dispositivos de pesquisa, a saber: *Padlets App*, interfaces digitais, e a escuta sensível. O resultado desse estudo nos acena para práticas pedagógicas decoloniais com o uso das tecnologias digitais, promotoras de fissuras/brechas nas colonialidades do poder, do ser e da linguagem.

Palavras-chave: Tecnologias digitais, Decolonial, Padlet App, Cibercultura

INTRODUCAO

A pandemia da COVID-19 fez aumentar significativamente a proporção de usuários na rede, no ciberespaço. Por consequência, temos visto as práticas sociais, incluindo as pedagógicas, fazerem uso inventivo das potencialidades das tecnologias digitais. Essas práticas sociais no ciberespaço marcam a expressão atual da cultura contemporânea, a cibercultura, que se traduz em um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 2018, p.170).

Ademais, nesses ‘*espaçotempos*’^[1] da pandemia, devido ao processo de imunização, fomos retomando gradativamente as atividades acadêmicas para o modelo de ensino presencial, já que havíamos experimentado, em caráter excepcional, o ensino remoto emergencial (ERE). Salientamos que ambos os processos de ensino foram transpassados pela pandemia da Covid-19, desvelaram as grandes feridas sociais, a saber: o racismo, a fome, o feminicídio, a homofobia dentre outras, que infelizmente constituem e encenam a nossa vida contemporânea.

Foi em entremeio a essa cena sociotécnica, partindo do pensamento freireano de que “não existe neutralidade em coisa nenhuma” (FREIRE, 2021, p. 40), que fomos desenvolvendo as nossas ações pedagógicas ‘*vividassentidas*’ nos cotidianos. Logo, se vê que as nossas práticas pedagógicas quanto ao ‘*ensinoaprendizagem*’ da língua inglesa (LI) nesses ‘*espaçotempos*’ impregnados pelas tecnologias digitais não poderiam ser concebidas como ações pretensamente neutras, posto que comungamos de que todas as nossas práticas sociais subjazem relações de poder.

Inspirados pelas práxis de Paulo Freire, para quem é imperioso o entrelaçamento das dimensões político-pedagógicas e sociais, os ensinamentos transgressivos de bell hooks (2013) e da linguística aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2022; 2006), buscamos tensionar conjuntamente com os praticantes culturais, sujeitos da pesquisa, as relações de poder que estão imbricadas o ‘*ensinoaprendizagem*’ da LI.

Nesse sentido, propomo-nos forjar atos de currículo (MACEDO, 2013), ações pedagógicas, com intencionalidade transgressiva, a fim de questionar o *modus operandi* da modernidade/colonialidade. Para tanto, convocamos o pensamento decolonial que emerge de um movimento de resistência, conhecido como *Giro Decolonial* (BALLESTRIN, 2013), que foi um pensamento desenvolvido por um grupo de intelectuais^[2] constituído em sua maioria por Latino-Americanos que defendiam a necessidade de estudar a colonialidade, considerada a herança mais perversa da modernidade. Pois, mesmo com o fim do processo de colonização nos países colonizados da América Latina, as relações de poder continuaram operando por meio da matriz de colonialidade: do Poder, do Saber, do Ser e da Linguagem.

Ademais, entendemos que as bases que perpetuam as atuais iniquidades sociais estão intimamente ligadas às questões de: raça, classe social, etnia, gênero, sexualidade, que são resultados das relações de poder colonial/imperial que agem sob a forma de colonialidades que se fazem presentes em todas as práticas sociais, incluindo o ‘*ensinoaprendizagem*’ da LI.

METODOLOGIA

Esse estudo se insere no campo das práticas educacionais-formativas, inspirado na abordagem epistemológica da multirreferencialidade (ARDOINO, 1998; MACEDO; 2004;

2021), pois entendemos a pesquisa em Educação indissociada às pautas/temas de saberes sociais, políticos, culturais e suas transversalidades, que se realizam nos *'espacostempos'* formativos da cibercultura (LEMOS, 2021). Ademais, adotamos o método ciberpesquisa-formação (SANTOS, 2019), reiterando o nosso posicionamento teórico-epistemológico e político de ruptura com o paradigma positivista. Diante da necessidade de compreender o fenômeno complexo, adotamos a noção da *bricolagem* (KINCHELOE, 2004). Esse investimento teórico-metodológico nos possibilitou que forjássemos um espaço de insurgência dos sujeitos sócio-histórico e culturalmente referenciados.

Nosso campo foi uma turma do ensino médio^[3] integrado de escola pública, contamos com 18 praticantes culturais. Esses praticantes autorizaram-se nas ambiências do digital em rede. Dessarte, salientamos que nossa itinerância metodológica deu-se em meio aos *'espacostempos'* da pandemia da Covid-19, ou seja, no ensino remoto emergencial e o retorno das aulas presenciais. Utilizamos as potencialidades da cibercultura, acionando dispositivos formativos com usos de aplicativos (Apps) em diferentes interfaces, a saber: Diário de pesquisa (*Google docs. App*); Portfólios de aprendizagem (*Padlets App*), capturas de telas (*prints*), áudios; observações participantes e escuta sensível (BARBIER, 2002).

Na seção seguinte, passamos a interpretação dos dados da pesquisa para encontrar as unidades de significação que denominamos de noção subsunçora (MACEDO, 2021). Elas emergem da análise teórico-analítica e hermenêutica do pesquisador em um processo em diálogo entre teoria e a empiria (SANTOS, 2019).

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Salienta-se que realizamos um recorte da pesquisa para esse registro do nosso trabalho, no qual discutiremos a noção subsunçora: *'Aprenderensinar' de modos outros a Língua Inglesa*, que compreende um dos resultados da nossa investigação. Destacamos que essa noção entretece todo o processo de *'aprendizagemensino'* da língua inglesa (LI) nas ambiências formativas com praticantes culturais, os estudantes do ensino médio, visto que as suas narrativas emergiram a partir da relação imbricada às contingências sociais que se desvelam com/nos cotidianos (CERTEAU, 2014; ALVES, 2008).

Assim sendo, acionamos atos de currículo no *'ensinoaprendizagem'* da LI, em diálogo com as questões levantadas na pesquisa, forjando espaços para autorias, narrativas dos praticantes, implicados na ação engajada, no dever do pesquisador e nos usos inventivos que fizemos conjuntamente das interfaces digitais.

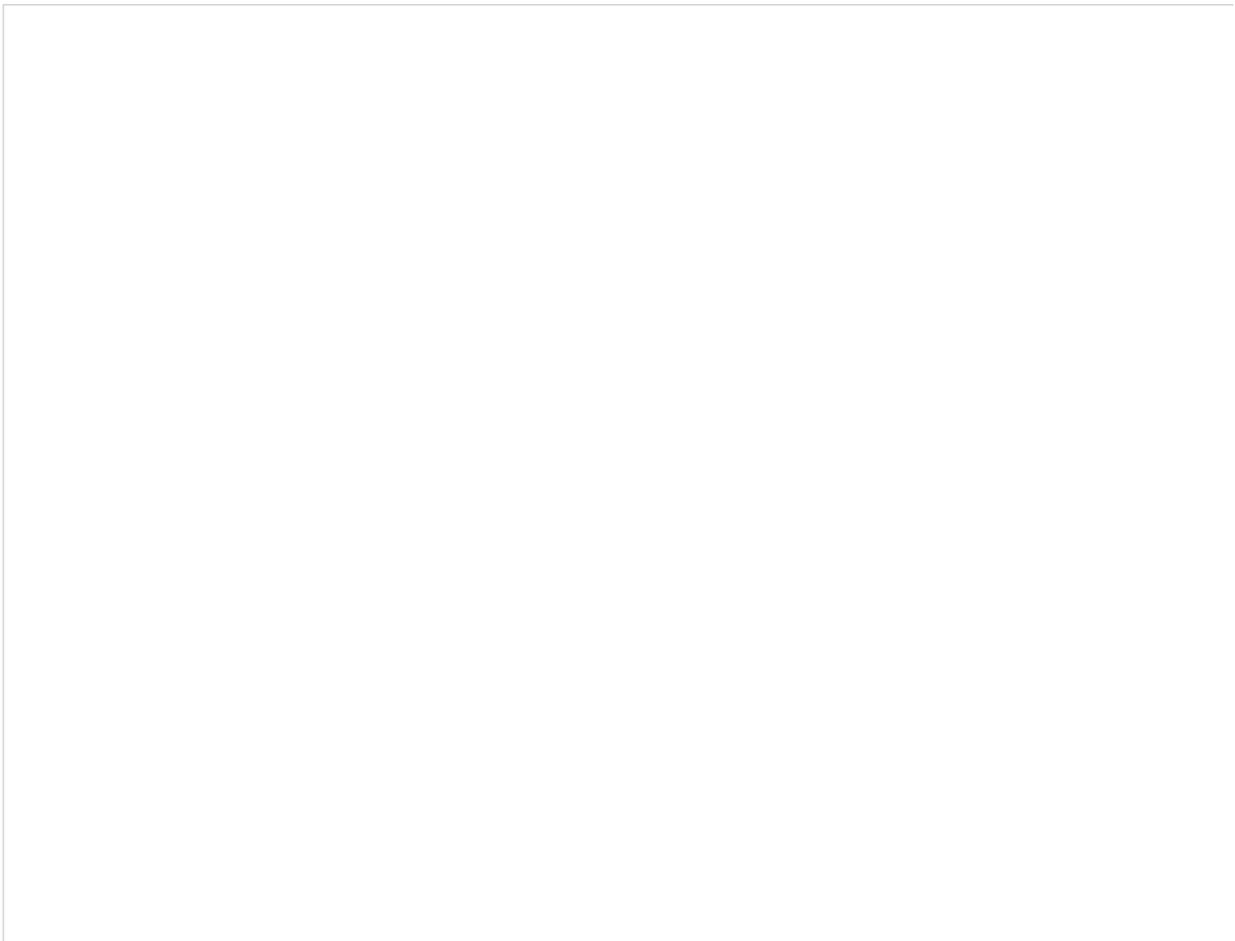
Logo, essa postura fez emergir narrativas imagéticas que destacaram mulheres, personalidades (re)conhecidas por seus feitos tanto no âmbito nacional quanto global, a saber: a farmacêutica senhora Maria da Penha, vítima emblemática de violência doméstica; a ativista Rosa Louise McCauley, mais conhecida por Rosa Parks e a ex-presidente do Brasil, Dilma

Russell dentre outras. As produções nos acenaram para os processos ‘*sentidossignificações*’ tomados pelos praticantes culturais em um movimento de articulação conhecimento local-global.

Assim, os ‘*espaçotempos*’ ciberculturais oportunizaram que lançássemos mão de dispositivos disparadores da pesquisa para que problematizássemos o caráter hegemônico da LI e, sobretudo a ideia de normatividade concernente à essa língua(gem). Consoante com Menezes de Souza (2022, p. 157), essa normatividade é resultado da colonialidade do poder, visto que impõe um conjunto de normas e regras. Consequentemente, silencia e nega a existência de outras formas de linguagem. Esse autor destaca que o processo de colonização europeia se deu a partir da universalização de corpos, raça, saberes, línguas etc.

Já, no tocante à língua inglesa percebemos que há forte tendência de privilegiar o padrão americano ou o britânico como variações de prestígio dessa língua. Com a tentativa de problematizar esse aspecto da LI, os praticantes culturais compartilharam em seus *padlets*, vídeos de falantes não nativos da LI. A Figura 1 mostra um recorte da imagem de um Padlet, que exemplifica os usos que fazemos dessa interface nessa ciberpesquisa-formação.

Figura 1 – Padlet de um praticante cultural.



Daí, destacamos o vídeo da atriz quênio-mexicana Lupita Nyong'o, vencedora do Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante, pelo filme 12 anos de Escravidão. A Figura 2 evidencia a autoria/coautoria (VELOSO *et al*, 2016) feita pela estudante.

Figura 2 – O compartilhamento do vídeo



The image shows a social media post with a video player at the top. The video title is "a person speaking English who is not a native speaker". The video content shows Lupita Nyong'o speaking into a microphone with the subtitle "Não há tonalidade alguma nessa beleza. Obrigada." Below the video is a "YouTube" logo. The post text reads: "Vencedora do Oscar Lupita Nyong'o fala sobre aceitação da Beleza Negra" followed by a biographical paragraph: "Lupita Amondi Nyong'o born in Mexico City, March 1, 1983 is a Kenyan-Mexican actress. She was the first Kenyan actress and the first Mexican actress to win an Oscar, in the category of Best Supporting Actress, for the film 12 Years a Slave." Below the text are engagement icons: a heart with '1' and a speech bubble with '3'. There are three comments from users with 5M followers: "thank you for this amazing video.", "adorei a sua sugestão!", and "I loved your video! Congrats!!". At the bottom is a button labeled "Adicionar comentário".

a person speaking English who is not a native speaker

YouTube

Vencedora do Oscar Lupita Nyong'o fala sobre aceitação da Beleza Negra

Lupita Amondi Nyong'o born in Mexico City, March 1, 1983 is a Kenyan-Mexican actress. She was the first Kenyan actress and the first Mexican actress to win an Oscar, in the category of Best Supporting Actress, for the film 12 Years a Slave.

1 3

5M
thank you for this amazing video.

5M
adorei a sua sugestão!

Anônimo 5M
I loved your video! Congrats!!

Adicionar comentário

No vídeo, a atriz discursa sobre o processo de aceitação de sua beleza, no evento do "7^o *Essence Black Women in Hollywood*"^[4], disponível na plataforma do Youtube. Esse vídeo ganhou destaque nas nossas aulas presenciais tornando-se um disparador de narrativas que tocaram em questões sobre o racismo, gênero, classe etc., ou seja, questões caras para o pensamento decolonial. Ademais, o conteúdo do vídeo problematiza a aceitação da beleza da mulher preta (decolonialidade do Ser) e as variações da língua inglesa (decolonialidade da linguagem). Portanto, salientamos que a noção “*Aprenderensinar* de modos outros a LI” surge com potência nas ambiências formativas, pois problematiza a colonialidade da linguagem e, em especial, o racismo.

Nesses termos, reconhecemos conjuntamente com hooks (2013) que por meio das línguas (no caso a LI), nós podemos tocar uns nos outros, bem como tensionar a noção de homogeneidade herdadas do pensamento moderno/colonial. Nesse sentido, inspiramo-nos em hooks (2013) para quem ensinar a transgredir é não se limitar a espelhar a realidade dominante”.

CONCLUSÃO

Essa pesquisa possibilitou abrimos espaço para uma tessitura que buscou ‘*Ir sempre além do já sabido*’, como bem pontua as pesquisas com os cotidianos. Para isso, foi preciso mudar as maneiras convencionais de *fazerpensar* o ‘*ensinoaprendizagem*’ da língua inglesa, o que possibilitou forjar práticas pedagógicas transgressoras com o uso das tecnologias digitais. Portanto, práticas pedagógicas decoloniais que questionam o instituído, capazes de promover fissuras/brechas (WALSH; MIGNOLO, 2018) nas colonialidades do poder, do ser e da linguagem. Sendo assim, é possível afirmar que a cibercultura impregnada pela cultura do uso que os estudantes fazem das tecnologias digitais para ambiências da aula, o que ampliou conexões e possibilidades. Certamente, o ciberespaço torna-se também um espaço para ter acesso a outras vozes, outras histórias e outras cosmovisões que propiciam movimentos de (re)existências e insurgências.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de, ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas; sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008, p. 15-38.

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. G. (Coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998, p. 58-78.

- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano, 2002. 157 p. (3). Lucie Didio.
- BALLESTRIN, Luciana. **O giro decolonial e a América Latina**. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 11, p. 89-116, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Tolerância**. 8. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021. 399 p.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2013. Acesso em: 18 jun. 2022.
- KINCHELOE, Joe L.. Introduction: The power of the bricolage:: expanding research methods. *In*: KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S.. **Rigour and complexity in educational research: conceptualizing the bricolage**. Two Penn Plaza New York: Open University Press, 2004. p. 1-22
- LEMOS, A. **A tecnologia é um vírus: pandemia e cultura digital**. Porto Alegre: Sulina, 2021. 150 p.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 3a. 2018. 170 p.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2004. 297 p.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisa-formação Formação-pesquisa**. Campinas: Pontes Editores, 2021. 183 p.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo e autonomia pedagógica: o socioconstrucionismo currículo em perspectiva**. Petrópolis: Vozes, 2013. 157 p.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. T.; HASHIGUTI, S. T. Decolonialidade e(m) Linguística Aplicada: Uma entrevista com Lynn Mario Trindade Menezes de Souza. **Polifonia**, [S. l.], v. 29, n. 53, p. 149-177, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/14865>. Acesso em: 17 abr. 2023.
- LOPES, Luis Paulo da Moita *et al.* **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe**. Sao Paulo: Parábola, 2022. 272 p.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na Cibercultura**. 1. ed. rev. Teresina: EDUFPI – Conselho Editorial, 2019, 223 p. ISBN: 978-85-509-0541-9. Disponível em: <http://www.edmeasantos.pro.br> Acesso em: 10 fev. 2022.
- VELOSO, Maristela Midlej Silva de Araujo *et al.* A cultura da liberdade de criação e o cerceamento tecnológico e normativo: potencialidades para a autoria na educação. **Etd - Educação Temática Digital**, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 43, 6 abr. 2016. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/etd.v18i1.8639486>.
- WALSH, C; MIGNOLO. W. **On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis**. Durham, NC,

and London: Duke University Press, 2018.

[1] Essa escrita é advinda das problematizações das pesquisas com os cotidianos no sentido de questionar as dicotomias clássicas modernistas. Aqui, utilizaremos esse formato de escrita que concebe a junção de expressões, colocação entre aspas simples, algumas vezes, invertendo a ordem de termos.

[2] O grupo Modernidade e Colonialidade foi inicialmente formado por Aníbal Quijano, Walter D. Mignolo, Ramón Grosfoguel, Catherine Walsh, dentre outros.

[3] A escolha por este campo de pesquisa foi definida por se tratar do mesmo local de atividade laboral da pesquisadora.

[4] 7ª edição do evento: A essência da mulher preta em Hollywood (minha tradução). Disponível em <<https://youtu.be/ChpriB5ktGg>> acesso 05 abril de 2023.